

Sobre o Leninismo de Gramsci

Marco Vanzulli

Como citar: VANZULLI, M. Sobre o Leninismo de Gramsci. *In* : DEO, A.; MAZZEO, A. C.; ROIO, M. D. (org.). **Lenin** : teoria e prática revolucionária. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.345-365. DOI: <https://doi.org/10.36311/2015.978-85-7983-680-0.p345-365>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

SOBRE O LENINISMO DE GRAMSCI¹

Marco Vanzulli

Escreveu Mario Tronti:

Gramsci havia errado quando falava de “revolução contra o *Capital*”. Desse modo entregava Marx nas mãos reformistas da Segunda Internacional. Na Rússia, *O Capital* não era “o livro dos burgueses”. Era o livro dos bolcheviques. Era o livro do jovem Lênin, que dali havia partido. Mas, Gramsci tinha razão quando via no “nosso Marx” a mesma pessoa de Lênin. Para este era realmente direto – em maio de 1918 – o seu elogio ao voluntarismo. (TRONTI, [1966]1971, p. 254).

A partir desses dois elementos tratados pelo Gramsci de 1917-1918, é útil tomar seus movimentos: um especificamente político, o leninismo incondicional do primeiro Gramsci que não projetava Lênin sobre Marx, mas que via em Lênin um movimento superior àquele de Marx, a ação política contra a determinação economicista (que várias vezes o jovem Gramsci atribuía a uma não investigada posição marxiana)², para dizer *en*

¹ Tradução: Rodrigo Ismael Francisco Maia: é Mestre em Ciências Políticas pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Unesp, graduado em Ciências Sociais na FFC-Unesp de Marília, realizou intercâmbios de estudo e pesquisa em Itália e Portugal. Estudante da área do marxismo e de Partidos Políticos de esquerda na União Europeia.

² Escreveu Norberto Bobbio: “Contrariamente a muitas leituras gramscianas, nunca tive interesse particular pela disputa sobre o maior ou menor marxismo ou leninismo de Gramsci, e a natureza ou os limites deste ser marxista ou leninista. A maior ou menor aproximação aos clássicos do marxismo não acrescenta e não retira nada da importância de sua obra de historiador e crítico da sociedade contemporânea [...]. Continuo a ter a impressão que para muitos comentadores de Gramsci interessa sobretudo mostrar que Gramsci foi marxista, ao invés de expor o que ele disse verdadeiramente. O que não quer dizer que não era marxista. Quer dizer que foi de maneira não servil, mas original” (BOBBIO, N. *Saggi su Gramsci*. Milano: Feltrinelli, 1990. p. 9-10). Sem dúvida o marxismo de Gramsci, a sua problemática, é muito original. Não se trata aqui para nós, portanto, atribuir ou negar os certificados de marxismo ou leninismo, pois uma comparação entre Gramsci e Lênin serve propriamente para capturar elementos de especificidade do pensamento gramsciano.

gros - um elemento que permanecerá nos *Cadernos do Cárcere*³, no qual Lênin, como teórico da hegemonia, é considerado o maior pensador marxista⁴; o outro específico da filosofia da vontade, vontade entendida como ato político. Dois elementos inseparáveis nas expressões e juízos efetivos, na concretude dos textos de Gramsci. Naturalmente, ao início, Gramsci, como os outros socialistas italianos, conhecia apenas fragmentadamente a obra de Lênin⁵. Imediatamente, Gramsci alude a ruptura bolchevique ao âmbito dos esquemas de seu voluntarismo gentiliano, do seu marxismo lido através do revisionismo crociano. Dos dois neoidealistas italianos, Gramsci retoma o léxico e os esquemas interpretativos fundamentais. Há toda uma série de artigos de 1917-1918 em que Lênin, como líder do bolchevismo, é interpretado através das categorias de criação e vontade, e o conceito de trabalho é dissolvido no de “ato histórico”; O marxismo era concebido crocianamente como um conjunto de “doutrinas”, válidas “apenas *post factum*, para estudar e compreender os acontecimentos do passado, e que não deveria se tornar uma hipoteca sobre o presente e o futu-

³ “Pode-se excluir que, por si mesmas, as crises econômicas possam produzir eventos fundamentais de imediato”; apenas a “historia vulgar, tradicional, que aprioristicamente ‘encontra’ coincidência entre uma crise e as grandes rupturas sociais”. Isto vale mesmo para a Revolução Francesa: “não se pode dizer que a catástrofe do Estado Absolutista se deu através de uma crise de pauperização”. (GRAMSCI, A. *Quaderni del carcere*. Edição crítica de V. Gerratana. Torino: Einaudi, 1975. p. 1587 et seq.).

⁴ Cfr. QC, p. 1235.

⁵ “Ao contrário, começaram a ser conhecidos trechos dos seus escritos durante 1917, sobretudo através de revistas e jornais de língua francesa e de uma revista americana, o *Liberator*, a partir de Max Eastman. Resulta que vem organizada e publicada em 1919, por Gramsci, um amplo estudo sobre Lênin, o *Statista dell'ordine nuovo*. O perfil de Lênin como pensador e homem político, que resulta deste estudo, no entanto, é parcial. Os momentos mais importantes do pensamento, relacionados com a análise do imperialismo e, portanto, com a definição do período histórico e suas perspectivas, não são considerados, enquanto que a atenção está focada sobre as características originais do sistema soviético e sobre os fundamentos que ele tem na esfera da produção. O documento, na verdade, não é mais do que reprodução e comentário de alguns trabalhos de Lênin dedicados, após a revolução e nos primeiros anos do poder soviético, a enfatizar a importância crucial da construção econômica e do desenvolvimento da produção para a consolidação do poder soviético [...] Apenas depois de 1918 é que Lênin passou a ser conhecido, traduzido, publicado e amplamente lido na Itália. Com prevalência, no entanto, dos escritos dedicados à luta imediata daqueles anos contra o socialchavunismo e o centrismo, para a criação de partidos comunistas em todos os países, para a fundação e organização da Internacional Comunista. Dos grandes trabalhos teóricos, são agora conhecidos o *Imperialismo, O Estado e a Revolução*, a *Revolução Proletária* e o *Renegado Kautsky*, os relatórios e as teses para o I e o II Congresso da Internacional Comunista, portanto o *Extremismo* e discursos no III Congresso, que são quase um comentário. Menos conhecidos são *O Que Fazer?*, *Dois Táticas* e *Um passo a frente, dois passos atrás*. Muito difícil de encontrar e quase desconhecidos são *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* e o *Empirio-criticismo*. Desconhecido era o importantíssimo *Quem são os amigos do Povo?*, que também na Rússia foi republicado apenas em 1923. Pode-se considerar que, em 1922, quando foi para a União Soviética, Gramsci já conhecia todos esses escritos”. (P. Togliatti, *Il leninismo nel pensiero e nell'azione di A. Gramsci, Studi gramsciani*, processos da conferência junto ao Istituto Gramsci nos dias 11-13 de janeiro de 1958, Editori Riuniti, 1958, in Togliatti, 1972).

ro”⁶. Aqui claramente são distinguidos os meios intelectuais dos objetivos políticos: Gramsci não propõe como objetivo relegar o marxismo a um mero auxílio historiográfico; pretende, ao contrário, desvincular a política revolucionária comunista das limitações e dos tempos longos e incertos do economicismo, que acabava por coincidir com o reformismo.

Os pontos fracos desta posição foram apanhados:

no jovem Gramsci é visível uma tendência a romper com o reformismo dos silogismos filosóficos e das citações acadêmicas em nome de uma vontade abstrata, a qual ele termina por trazer de volta o fenômeno da Revolução de Outubro, mostrando, contudo, ignorar os bastidores teóricos e observando na ação dos bolcheviques a confirmação da onipotência miraculosa e criacionista da subjetividade, sobre os pedaços da objetividade evolucionista e do determinismo inerte e conservador [...]. A ruptura com o peso das resoluções reformistas se resolveu, neste caso, em uma *fuga dos problemas da história* (não a causa última da ignorância da “essência” marxista do leninismo), implícita na exaltação da vontade criativa do sujeito histórico, do homem que faz a sua história a despeito das condições “objetivas”. (MARRAMAO, 1971, p. 49, 281).

Não há como negar, de fato, toda a inclinação subjetiva de Gramsci, uma subjetividade criativa. Tanto é assim que Gramsci vem a dizer, imediatamente antes da famosa Revolução Russa que “é a revolução contra O *Capital* de Karl Marx”, que: “A revolução dos bolcheviques é materializada mais de ideologia do que de fatos (Por isso, basicamente, pouco importa a nós saber mais do que sabemos)” (GRAMSCI, 1958, p. 150).

Comentadores mais próximos a Gramsci, por reconhecerem os limites espirituais da primeira recepção gramsciana do marxismo e da Revolução Russa, estavam propensos a reconhecer em Gramsci uma superação de algumas unilateralidades das suas posições de juventude graças às lições de Lênin: Gerratana, por exemplo, reconhece primeiro o “ativismo voluntário” do jovem Gramsci, o limite de seu horizonte em que

a idéia de “revolução” se identifica, portanto, com a idéia de “vida” e com a idéia de “história” e perde assim sua especificidade funcional.

⁶ Cf., entre outros, o celebre *A Revolução contra o “Capital”*, imediatamente sucessivo a revolução russa; *Wilson e i massimalisti russi*; *Repubblica e proletariato in Francia*; *Utopia*; *Margini*; *La critica critica*, In: GRAMSCI, A. *Scritti giovanili. 1914-1918*. Torino: Einaudi, 1958, respectivamente, p. 149-153; 183-185; 205-206; 281-286; 84-86, 154-155.

De fato, encontramos esta mesma identificação, através do qual o marxismo vem diluído em um vago heraclitismo, em outros intérpretes do marxismo contemporâneo a Gramsci, mas muito distante de sua orientação política (como Mondolfo) (GERRATANA, 1997, p. 92-93)⁷.

Gramsci aprofundaria o conceito de revolução somente a partir do período do “L’Ordine Nuovo”, através de Lênin que o reaproximaria de Marx⁸. Ou seja, para Gerratana, a teoria política de Gramsci por volta de 1920 estaria num sentido de reaproximação ao marxismo e, finalmente, a ilusão idealista seria abandonada e substituída pelo “primado do conhecimento”. De fato,

o que caracteriza Gramsci como um pensador revolucionário não é a exaltação da vontade em geral (e muito menos de uma vontade entendida - como Schopenhauer - como evento ordenador do mundo), mas a busca pelas condições nas quais pode se formar uma vontade coletiva *permanente*. O problema é recolocado constantemente nos *Cadernos*, e Gramsci não se cansa de revisá-lo de todos os lados [...]. Uma vontade coletiva que não seja firmemente agregada em seu interior, pode facilmente se desintegrar e se dispersar: e o “realista político - adverte Gramsci - que conhece as dificuldades de organizar uma vontade coletiva, não é facilmente levado a crer que essa se reforme mecanicamente depois de desintegrada” Compreende-se, portanto, a importância que assume na reflexão gramsciana o tema da “reforma intelectual e moral” como um elemento unificador no processo de formação de uma vontade coletiva permanente. Para Gramsci este é um tema discriminante, que não admite concessões arbitrárias. (GERRATANA, 1997, p. 116-117)⁹.

Ainda assim, Gruppi observou como Gramsci fazia como sua a lição de Lênin “na qual é claramente estabelecida a função da iniciativa subjetiva (o *Que Fazer?*, *Um passo adiante, dois passos atrás, Duas táticas da social-democracia*). É o Lênin que, rejeitando a relação mecânica entre a

⁷ O parêntese é nosso.

⁸ Cfr. GERRATANA, V. *Gramsci. Problemi di metodo*. Roma: Editori Riuniti, 1997. p. 92-93. Gerratana comenta esses passos do jovem Gramsci: “A vida é sempre uma revolução, uma substituição de valores, de pessoas, de categorias, de classes. Os homens, porém, dão o nome de revolução à grande revolução, aquela em que participa o maior número de indivíduos, que coloca um maior número de relações, que destrói todo um equilíbrio para substituí-lo por um outro inteiro, orgânico. Nos diferenciamos dos outros homens porque concebemos a vida como *sempre* revolucionária e, portanto, amanhã não declaramos como definitivo um nosso mundo realizado” (GRAMSCI, A. *Scritti giovanili. 1914-1918* cit., p. 126).

⁹ GERRATANA, V. *Gramsci. Problemi di metodo* cit., p. 116-117; citação interna: QC, p. 1789.

situação objetiva e a iniciativa política, afirma, por exemplo, a função dirigente da classe trabalhadora mesmo na revolução democrático-burguesa e chega ao conceito de hegemonia – a sua “maior descoberta filosófica”, disse Gramsci (GRUPPI, 1968, p. 22), depois, nos *Cadernos*. Assim:

A maneira pela qual Lênin enfatiza que o partido é o momento de consciência, da síntese crítica, a força organizadora capaz de fazer coesas as massas, retorna totalmente em Gramsci. (GRUPPI, 1972, p. 95).¹⁰

O que é certamente aceitável, desde que não se identifique de forma simplista a noção de *consciência* de Gramsci com a de Lênin: uma é a matriz, e outros são os pressupostos teóricos do pensamento do autor de *Marxismo e Empiriocriticismo*, em relação àqueles dos *Cadernos do Cárcere*.

Além disso, quando se fala do leninismo de Gramsci está em jogo também a questão do marxismo de Gramsci como uma relação ao pensamento de Marx:

Gramsci faz parte daquela “nova esquerda” revolucionária de 1919-1920, estranhamente sortida, que resultou nos novos bolcheviques, inesperados prosélitos, e foi atraída através do marxismo não pela filosofia de Marx, conhecida e rejeitada nas interpretações predominantes de tipo positivista e determinista, mas através da prática revolucionária de Lênin. (HOBSBAWM, 1975, p. 335).

Este julgamento de Hobsbawm é certamente aceitável, mas a equação de Gerratana, e de outros, pelos quais Gramsci iria realizar, através de Lênin, um retorno a Marx, é extremamente simplificadora de um processo de aproximação com Marx que Gramsci tenta talvez pela primeira

¹⁰ GRUPPI, L. *Il concetto di egemonia in Gramsci*. Roma: Editori Riuniti, 1972. p. 95. Cf. ainda Gruppi: “O princípio leninista que o partido “se cria a partir do alto”, partindo do conhecimento, retorna aqui com força. Com vigor vem enfatizado o momento da consciência, da racionalidade, da vontade unificadora [...]. Nesta relação, a direção e o espontaneísmo, entre situação objetiva e iniciativa revolucionária estão longe – tanto em Gramsci como em Lênin – seja a partir de uma visão mecanicista, como de uma concepção subjetivista e voluntarista, da função da vanguarda política. O partido não se identifica com a classe operária, porque é a sua vanguarda, mas é uma parte da classe e a ela indissolivelmente articulada. O partido trabalha em uma determinada situação. Deve compreendê-la, tomando a base de sua estrutura, as relações econômicas, de classe, as manifestações políticas que a caracterizam, senão pode se mover de modo abstrato, aventureiro; lançaria e repetiria fórmulas teóricas incapazes de agirem sobre a realidade, fazendo a partir da agitação e da propaganda, e não da política. Moveria vanguardas restritas, não verdadeiramente ligadas à classe operária e às massas, portando-as ao erro de aventuras fantasiosas. Mas, ao mesmo tempo, o partido não é o reflexo mecânico da situação, mas sobre essa intervém, com a sua iniciativa” (GRUPPI, L. *Introduzione*. In: LENIN, V. I. *Che fare?*. Roma: Editori Riuniti, 1968. p. 23-25).

vez nos *Cadernos do Cárcere*, e que ainda teria que passar sobretudo por uma *Aufhebung* da filosofia de Benedetto Croce.

O que pode surpreender e é significativo na biografia política de Gramsci, é a prontidão com que adere à revolução bolchevique, como se tivesse assimilado originalmente o espírito, interpretando-a através de algumas das suas categorias filosóficas específicas. Acreditava naquela “potência criativa” da revolução que - nas palavras de *O Estado e a Revolução* - não acreditavam os oportunistas, como Kautsky, de acordo Lênin (1967a, p. 198-199). Não sem razão. Se olharmos para as razões políticas vemos que, mesmo antes de 1917, Gramsci estava preparado para ser parte de uma esquerda revolucionária não vacilante. Quando a revolução na Itália e no Ocidente falhou, a grande admiração pela União Soviética se tornou um modelo de contemplação distante a respeito daquele que deveria agora ser calculado a distância que dele nos separa. Mas, no período 1917-1920, a revolução soviética se colocava num processo revolucionário mais amplo e mais homogêneo. Poucos meses antes da Revolução Russa, durante a guerra, no *A Cidade Futura*, Gramsci afirmaria que a ordem socialista “na Itália será implementada mais cedo do que em todos os outros países” (GRAMSCI, 1958, p. 78). Aqui também, como escreveria mais tarde em julho de 1918, teríamos, através de uma dialética de partido e soviético, uma nova democracia, uma nova ordem, uma nova humanidade, uma nova moralidade, como na Rússia, onde “a sociedade se torna algo jamais visto na história” (GRAMSCI, 1958, p. 281-286). Longe de qualquer reformismo é o seu socialismo ativista, fortemente anti-economicista, que o levou a juntar-se àquela esquerda “intransigente revolucionária” que, na reunião secreta de Florença, em novembro de 1917 (na qual participaram, entre outros, Bordiga e Fortichiarri), se oporia à posição mediadora do centro de Serrati e do grupo parlamentar¹¹.

¹¹ Cf. SPRIANO, P. *Introduzione a V.I. Lenin, Sul movimento operaio italiano* [1962]. Roma: Editori Riuniti, 1976. p. 24. Cf. porém: na conferência de Firenze, Bordiga proclamou que “O P.S.I. Deveria se alinhar com Lênin no campo internacional contra o imperialismo, sem subordinar a sua atividade à consideração nacional que são, portanto, instrumento do capitalismo de qualquer país. Entre os presentes se declararam plenamente de acordo com Bordiga os representantes da Esquerda de Milão [...]. Lazzari hesita e se reserva a conferir com a direção, Gramsci não toma posição e não esconde sua insatisfação. Sabe-se que na vigília da entrada na Guerra da Itália, havia hesitado entre interventismo e neutralidade. Havia superado sua crise, mas era muito honesto para assumir a partir de um golpe uma posição contrária à guerra. Ao seu tempo, Togliatti não havia demorado em escolher a intervenção, e não parece que havia nunca feito a cômoda autocrítica posta em seguida no PCI” (FORTICHIARI, B. *Comunismo e revisionismo in Italia. Testimonianza di un militante rivoluzionario*. Milano: Mimesis, 2006. p. 34-35).

Gramsci sempre se referia nos anos do pós-guerra à experiência da Revolução Russa e do movimento comunista europeu,

cuja característica comum neste período é justamente essa: ser capaz de estimular e criar novas organizações operárias, centros de poder proletário e de democracia socialista no coração da produção (os soviets de operários e camponeses, os Conselhos de fábrica) (SPRIANO, 1920, p. 30-31).

Então, é assim que Gramsci definia uma “batalha leninista”, tornando-se “uma feliz exceção no contexto do movimento italiano”. As críticas de Gramsci à orientação da direção do PSI coincidiam neste momento com as feitas por Lênin, que no II Congresso da Internacional Comunista, em julho de 1920, aprovou o documento elaborado por Gramsci da seção do PSI de Turim, em abril daquele ano, *Para uma Renovação do Partido Socialista*, publicado mais tarde no “L’Ordine Nuovo”, de 08 de maio de 1920¹². Assim:

Nos artigos que Gramsci dedicará, no verão e no outono de 1920, ao problema de um partido que seja comunista, retoma sempre esses elementos: a necessidade de um partido coeso, disciplinado, sendo a frente das massas, e tanto mais capaz tal quanto se move em sua articulação e em sua hierarquia sobre um terreno que sai do tradicional leito do rio socialista. O PSI é marcado - escreve Gramsci - por uma estrutura intimamente democrático-burguesa, com suas seções restritas, com seus vários centros autônomos, com a repartição mecânica das competências, e também com o fetiche dessas competências que o imobiliza. E ele pode contrastar o antigo para a nova concepção, pode - como faz aqui - contrapor *O Estado e a Revolução* de Lênin às concepções próprias da II Internacional que ainda dominam no PSI, enquanto se verifica o novo tipo de direção em um movimento como o dos *Conselhos de Fábrica*. É a partir desse movimento de massas que Gramsci desenha os elementos distintivos novos do mesmo partido revolucionário. O problema da relação entre a concepção dos Conselhos e do partido de Gramsci e a leninista, não se resolve obtendo uma identificação. Se trata de uma relação complexa, de um cansativo processo de libertação desses elementos de “mito ideológico”, na teoria dos Conselhos, que estão presentes até mesmo na elaboração ordinovista. (SPRIANO, 1976, p. 32).

No entanto, os pontos de identificação existem:

¹² Cf. SPRIANO, P. *Introduzione a V.I. Lenin, Sul movimento operaio italiano* cit., p. 30-31. Cf. LENIN, V. I. *Tesi sui compiti fondamentali del II Congresso dell’Internazionale comunista*. In: _____. *Opere complete*. Roma: Editori Riuniti, 1967. v. XXXI, apr./dic. 1920, p. 192.

o movimento dos Conselhos é entendido por Gramsci como um típico movimento da Internacional Comunista e por ele apoiado com citações dos maiores teóricos e dos mais responsáveis expoentes políticos, de Lênin a Zinoviev, de Radek a Humbert -Droz, citações que enfatizam com fundamento esse momento e este endereço [...] na concepção gramsciana, desde 1920, se toma passo a passo uma maior ênfase na exigência da disciplina a um centro dirigente *coeso*, e [...] aqui ele busca o fator “caracterizante” em sentido revolucionário, um partido e um movimento [...] a elaboração teórica se concretiza em uma luta política contra o buocratismo sindical, contra as hesitações oportunistas, que tem sentido perfeitamente coincidente com a luta antiriformista da Internacional. (idem, p. 33).

Como apoio, Spriano citava *Para uma Renovação do Partido Socialista*, o documento programático de maio de 1920, elogiado por Lênin no II Congresso da Internacional, no qual Gramsci escreve:

A existência de um Partido Comunista coeso e fortemente disciplinado, que por meio dos seus núcleos de fábrica, de sindicato, de cooperativa, coordena e centraliza em seu Comitê executivo toda a ação revolucionária do proletariado, é a condição fundamental e indispensável para qualquer tentativa de experimento de soviets”, “um partido homogêneo, coeso, com uma própria doutrina, uma própria tática, uma disciplina rígida e implacável. (GRAMSCI, [1967] 1987a, p. 320).

Mesmo que, talvez, a concepção gramsciana dos soviets se diferencie da leniniana com ênfase no fato de que “O Estado socialista já existe potencialmente nas organizações de vida social características da classe trabalhadora explorada” (GRAMSCI, [1967] 1987b, p. 206). Salvadori observa a este respeito que Lênin “no II Congresso da IC, de 02 de agosto de 1920, se expressou de modo a fazer entender claramente que o modo correto de significar a função dos soviets não era gramsciano”. Salvadori provavelmente se referia ao texto contra Bordiga, *Discurso sobre o Parlamentarismo*, em que Lênin escreveu:

o mesmo Bordiga, em seguida, reconheceu que os soviets não podem ser criados artificialmente. O exemplo da Rússia mostra que os soviets podem ser construídos durante a revolução ou na iminência desta. Nos tempos de Kerensky, os soviets (e precisamente os soviets mencheviques) eram constituídos de tal maneira que não poderiam, sob

quaisquer circunstâncias, dar origem ao poder proletário [...]. Somente quando se faz parte do parlamento burguês é que se pode combater - partindo das condições históricas dadas - a sociedade burguesa e o parlamentarismo [...]; se quiser contestar o que eu disse, deve-se cancelar a experiência de todos os eventos revolucionários do mundo¹³.

Provavelmente Salvadori assim se referia a estes passos. No entanto, deve-se dizer que Gramsci defendia os conselhos sobretudo até que se sinta na “iminência” da Revolução (claro, é precisamente o fato de que Lênin não concordava que a Itália, no verão de 1920, estivesse nesta situação). Que lugar ocupam os Conselhos na reflexão de Gramsci a partir de 1921-1922?

No entanto, em *Para Uma Renovação do Partido Socialista*, Gramsci concordava com Lênin sobre a oportunidade de expansão dos elementos reformistas¹⁴. Mas nos meses seguintes, imediatamente após o fracasso da ocupação de fábricas, em setembro, seria favorável à unidade do partido, enquanto Lênin e Bordiga propunham a cisão; Gramsci se alinharia a estas posições cisionistas somente após o *Falsos Discursos Sobre a Liberdade*, escrito por Lênin entre 04 de novembro e 11 de dezembro de 1920. Aqui certamente se tratava de uma diferença de tática, resultado principalmente de uma percepção de desacordo com a etapa inicial do fracasso da ocupação de fábricas, em vez de uma diferença de estratégia da organização revolucionária. Gramsci, no entanto, ficaria perplexo com a possibilidade de fundação do Pcd'I, em janeiro de 1921¹⁵. E, por outro lado, aderiu plenamente às diretrizes do Comintern, e se sabe que sua sorte política no PCd'I foi substancialmente devido ao apoio de Moscou em função anti-bordiguista.

¹³ Cf. SALVADORI, M. L. *Gramsci e il problema storico della democrazia*. Torino: Einaudi, 1973, p. 320, na qual Salvadori cita a partir do vol. 31 das Obras Completas de Lênin as p. 192 e 240 sgg., e LENIN, V. I. *Discorso sul parlamentarismo*, in Id., *Opere complete*. Roma: Editori Riuniti, 1967, v. XXXI, apr./dic. 1920, p. 240.

¹⁴ “Os que não são comunistas revolucionários devem ser eliminados do Partido; e a direção liberada da preocupação de conservar a unidade e o equilíbrio entre as diversas tendências e entre os diversos *leaders*, deve dirigir toda a sua energia a sua energia para colocar as forças operárias em pé de guerra” (GRAMSCI, A. *Per un rinnovamento del partito socialista* cit., p. 320).

¹⁵ Gramsci dá um julgamento amargo sobre a fundação do novo partido, diria que Bordiga havia realizado a sua “alucinação particularista”, e depois escreveria em uma carta à Togliatti, de 17 de julho de 1923: “A reação está disposta a expulsar o proletariado nas condições em que se encontrava no período inicial do capitalismo: disperso, isolado, individualizado, não como classe que sente ser uma unidade e aspira ao poder. A cisão de Livorno (o deslocamento da maioria do proletariado italiano da Internacional Comunista) foi, sem dúvida, o maior triunfo da reação” (citato in FIORI, G. *Vita di Antonio Gramsci*. Bari: Laterza, [1966] 1989, p. 172).

Spriano detectou a inspiração leninista de *Para Uma Renovação do Partido Socialista*, no qual

pela primeira vez “L’Ordine Nuovo” coloca, antes de tudo, a ação do partido como um fator de centralização e coordenação [...] a mudança de acento, da elaboração local de “conselho” para a exigência da programação geral. (SPRIANO, 1971, p. 103).

Há, no entanto, em Gramsci, uma fase conselhistas sem partido e uma fase posterior do partido sem conselhos. Com efeito, por um lado, o papel do partido era considerado, também, antes como um elemento central da organização, da coordenação e da educação do proletariado: pode-se ver, por exemplo, o editorial de Gramsci e Togliatti, *Democracia Operária*, que apareceu no “L’Ordine Nuovo” de 21 de Junho de 1919, um ano antes do *Para Uma Renovação do Partido Socialista*. Enquanto, por outro lado, no artigo *Duas Revoluções*, de julho de 1920, dois meses após *Para Uma Renovação do Partido Socialista*, os Conselhos continuavam a serem fundamentais e estavam em primeiro plano, ao contrário do partido que era considerado um elemento do fracasso das revoluções alemã, húngara, etc., e a solução era vista (como já trabalhado em *Democracia Operária*) na relação dialética entre o partido e organização operária na fábrica, na interconexão, isto é, entre o partido e os conselhos. Nesta dialética, o partido educador é elemento central, um elemento que Gramsci tinha em comum com Lênin, mas que era muito precoce e precede o conhecimento que o jovem socialista sardo teria sobre o revolucionário russo. De fato, o tema da hegemonia, como seria discutido nos *Cadernos*, teria como atenção original, consubstancial ao socialismo de Gramsci desde o início, o partido educador. E política e cultura se identificavam em Gramsci do início ao fim.

Gramsci veria claramente os limites políticos, mais que teóricos, da experiência ordinovista dos Conselhos alguns anos mais tarde: “Não ter posto o objetivo de criar uma verdadeira fração, não ter dado a ela um fôlego regional ou nacional, não ter lutado no terreno específico do *partido*” e não ter feito

do movimento turinense dos Conselhos um centro nacional de acolhimento e de propulsão para a classe trabalhadora italiana: esses são os motivos da auto-crítica mais profunda que indicaria Gramsci, em 1924¹⁶.

De fato, a experiência ordinovista no centro dos episódios de luta dos trabalhadores, em 1920, havia subestimado a importância do partido e do sindicato¹⁷, tomada pelo entusiasmo por uma massa que constituísse por si só a sua própria posição “moral” (GRAMSCI, 1920). No entanto, já recordamos o texto gramsciano da primavera de 1920, no qual era enfatizado o papel do partido coeso e organizado. Mas, na verdade, o grupo de Turim não teve a força para fazer isso tendo contra o reformismo dos dois gigantes do PSI e da FIOM.

Lênin, por sua vez, havia julgado duramente a experiência de ocupação de fábricas como uma luta não marxista, e diria assim confirmando a expulsão do Partido Socialista Italiano, decretada pelo Comitê Executivo da Internacional:

Durante a ocupação das fábricas foi talvez revelado apenas um comunista? Não, na época o comunismo não existia na Itália. Se poderia falar de uma certa anarquia, mas, certamente não de comunismo marxista. Este último deveria ser criado, absorvido pelos trabalhadores, somente através da experiência da luta revolucionária. (LENIN, 1976, p. 222).

É o importante argumento que reside no *Estado e a Revolução*: a luta que produz a forma da revolução e da sociedade comunista não é algo pré-estabelecido para ser aplicado, porque é a experiência revolucionária (organizada) que constitui os organismos revolucionários. Agora, quem ler o belo livro de Paolo Spriano sobre as ocupações de fábricas de agosto-setembro de 1920, poderá perceber a ausência de um verdadeiro espírito revolucionário, da inércia do partido e da desorientação dos operários.

Está presente nesta experiência ordinovista de conselhos e das ocupações de fábricas o forte elemento de democracia operária sobre o

¹⁶ Idem, p. 34. Spriano retoma a carta de 27 de janeiro de 1924 de Viena, para Togliatti: “Cometemos um grave erro em 1919 e em 1920, ao não atacar mais fortemente a direção socialista e também a propagar a ideia de uma expulsão, constituindo uma fração que saísse de Turim e fosse algo a mais que a propaganda que poderia fazer o *L'Ordine nuovo*”.

¹⁷ Cf. SPRIANO, P. *L'occupazione delle fabbriche. Settembre 1920*. Torino: Einaudi, 1964. p. 62. Veja-se também a reação de Gramsci, em junho de 1920, ao relatório de Tasca que dava aos conselhos de fábrica um caráter político transitório e propunha submeter o movimento ao sindicato.

qual insiste muito Lênin. Em *O Estado e a Revolução*, onde comenta sobre a importância das indicações que Marx expõe sobre a Comuna, não como uma experiência que confirma teorias preconcebidas, mas como ato de um movimento de massas que ofereceu à Marx a experiência sobre a qual refletir e que assim pode adicionar os elementos fundamentais sobre o funcionamento da democracia popular e o comunismo que ainda lhe faltava no *Manifesto do Partido Comunista*, Lênin escreveu:

Organizamos a grande indústria partindo do que o capitalismo já criou; a organizamos nós *mesmos*, nós trabalhadores, fortes com a nossa experiência operária, impondo uma disciplina rigorosa, uma disciplina de ferro, mantida pelo poder estatal dos operários armados; reduzimos os funcionários do Estado à função de simples executores de nossas atribuições, à função de “observadores e fiscais”, modestamente pagos, responsáveis e revogáveis (preservando, claro, os técnicos de todos os tipos e de todos os graus): esta é a *nossa* tarefa proletária; é a partir desta que podemos e devemos *começar* a fazer a revolução proletária. Este começo, fundado na grande produção leva de si à gradual “extinção” de toda a burocracia, ao estabelecimento progressivo de uma ordem - ordem sem aspas, ordem diferente da escravidão assalariada - na qual as funções, cada vez mais simplificadas, de vigilância e contabilidade serão cumpridas por todos e irão se tornando um hábito e, finalmente, desaparecerão como funções *especiais* de uma categoria especial de pessoas. (LENIN, 1967a, p. 103).

A ruptura é grande em comparação com o capitalismo, tornam-se sujeitos os trabalhadores, as massas populares, trata-se de alterar as funções, mas não criar organizações projetadas para fora das relações existentes.

É esta a democracia que Gramsci tem em mente na experiência dos Conselhos. Sobre isso, a crítica certamente já insistiu. Referindo-se, em especial, ao artigo *A Conquista do Estado*, (“L’Ordine Nuovo”, 12 de julho de 1919) (GRAMSCI, 1954, p. 13-19), Spriano observa que “a tese central ecoa agora claramente a tese de Lênin, e em particular - como foi observado incisivamente - [Gerratana, *A Teoria do Estado no Pensamento de Gramsci*, primeira aula de um curso de estudos do Instituto Gramsci, em 1959] a sua apreciação das conclusões teóricas que Marx e Engels tinham desenhado a partir da experiência da Comuna de Paris, isto é, a tese de que

a classe trabalhadora não pode puramente tomar posse da máquina estatal já pronta e colocá-la em funcionamento para seus próprios fins”.

Se tratava de fazer nascer - intuía Gramsci (27/6/1919) - um novo tipo de Estado da “experiência associativa da classe proletária”, e tal inspiração animava a alma do famoso escrito do “golpe de estado” redacional, *Democracia Operária*, no qual se pode ler que “o Estado socialista já existe potencialmente nos organismos de vida social da classe trabalhadora explorada” [...] criar esse Estado a partir dessas *instituições*, conectá-los em seguida numa hierarquia superior harmônica, mas primeiramente potenciá-los como fonte de poder dos trabalhadores na fábrica, no coração da produção. O fundamento leninista do pensamento de Gramsci está, então, em primeiro lugar em sua convicção de que a luta na esfera política expressa, antes de mais nada, uma luta para quebrar a “máquina” do Estado burguês construindo, começando a construir, os pilares e engrenagens fundamentais de uma máquina estatal nova [...]. O que Gramsci coloca em primeiro plano na concepção leninista da revolução é a necessidade de iniciar imediatamente a construção das bases de um novo estado [...] gerando no íntimo do processo produtivo as bases de um edifício estatal novo. (SPRIANO, 1971, p. 61-63).

Gramsci não era sectário na organização do conselho de fábrica, que se distinguia da precedente comissão interna, entre outras coisas, porque esta última

era eleita pelos trabalhadores organizados em sindicatos; ao contrário dos Conselhos de fábricas, que deveriam ser eleitos por todos os trabalhadores, incluindo os anarquistas, e até mesmo os católicos. (FIORI, [1966] 1989, p. 140).

Essa era a mesma atitude que Lênin recomendava para as associações de reivindicações econômicas em *O que fazer?*¹⁸ em ambos os casos, para não se encerrar em reivindicações de natureza econômica, mas tendo em vista uma transição política democrática para o comunismo.

¹⁸ “As organizações operárias para a luta econômica devem ser organizações tradeunionistas. Cada operário socialdemocrata deve, o quanto lhe seja possível, sustentar e trabalhar ativamente. É verdade. Mas não é do nosso interesse que apenas os socialdemocratas possam pertencer às associações “corporativas”, pois isso restringiria a nossa influência sobre a massa. Deixemos participar na associação corporativa qualquer operário o qual compreenda a necessidade de se unir para lutar contra os patrões e contra o governo! As associações corporativas não atingirão seu objetivo se não reagruparem todos aqueles que compreendem ao menos tal necessidade elementar, se não forem muito *amplas*. E quanto mais amplas forem, tanto mais a nossa influência sobre eles se estenderá, não apenas graças ao desenvolvimento “espontâneo” da luta econômica, mas também graças a ação consciente e direta dos aderentes socialistas com seus próprios companheiros”(LENIN, V. I. *Che fare?*, tr. it. di L. Amadesi. Roma: Editori Riuniti, 1968. p. 153).

A QUESTÃO DA HEGEMONIA

Vou deixar de lado aqui a questão, amplamente debatida, se a noção gramsciana de hegemonia seja, ainda que parcialmente, de ascendência leniniana. Sabe-se do reconhecimento explícito de Gramsci a Lênin nos *Cadernos*: Lênin é o “teórico da hegemonia”¹⁹. A crítica, no entanto, não é totalmente de acordo sobre este ponto. Para Luciano Gruppi, esse conceito era o elo mais forte entre Gramsci e Lênin²⁰. Outros viram este laço, mas insistiram na diferenciação progressiva da teoria gramsciana da leninista, como Tamburrano²¹. Outros intérpretes sublinharam, no entanto, mais a amplitude e o alcance da teoria da hegemonia em Gramsci, como Perry Anderson, mas que também notou como a categoria em Gramsci perdesse precisão²². Para outros autores, a noção gramsciana de hegemonia teria ascendência crociana²³, ou outra²⁴.

As três frentes de luta que Lênin retomou a partir Engels, e sobre as quais insistiu muito no *O Que Fazer?*, são a econômico-social, a política e a ideológica. Esta última também é chamada de “teórica”, e é fundamen-

¹⁹ No cárcere, Gramsci não possuía consigo nenhum texto leniniano: “No cárcere não resultou que Gramsci poderia ter a sua disposição alguma obra de Lênin, enquanto conseguia procurar alguns escritos de Marx e Engels. As referências às obras de Lênin que se encontram nos *Cadernos* são, portanto, feitas de memória, ou são de segunda mão, obtidas de citações de escritos leninistas em revistas e livros diversos. A aquisição de livros de Lênin não lhe foi mais consentida pela direção carcerária” (Togliatti, *Il leninismo nel pensiero e nell'azione di A. Gramsci, Studi gramsciani*, trechos da conferência no Istituto Gramsci, entre os dias 11-13 de janeiro de 1958, Roma, Editori Riuniti, 1958, p. 142).

²⁰ Cf. GRUPPI, L. *Il concetto di egemonia in Gramsci*. Roma: Editori Riuniti, 1972. p. 9 et seq.; Cf. anche SALVADORI, M. L. *Gramsci e la PCI: due concezioni dell'egemonia*, in *Egemonia e democrazia. Gramsci e la questione comunista nel dibattito di Mondoperaio*, Nuova serie dei quaderni di «Mondoperaio» 7, 1977, p. 33-34; IZZO, F. Marx dagli scritti giovanili ai «Quaderni». In: DI BELLO, A. (a cura di), *Marx e Gramsci. Filologia, filosofia e politica allo specchio. Atti del convegno internazionale organizzato dal Dipartimento di Filosofia e Politica dell'Università degli Studi di Napoli «L'Orientale» con il patrocinio dell'Istituto Fondazione Gramsci di Roma e dell'Associazione Italiana degli Storici delle Dottrine Politiche. Napoli, 4-5 dicembre 2008*. Napoli: Liguori, 2011. p. 85.

²¹ Cf. TAMBURRANO, G. *Antonio Gramsci. La vita, il pensiero, l'azione*. Manduria: Lacaita, 1963, poi Milano, Sugarco 1977, p. 285-290, cf. anche BUCI-GLUCKSMANN, C. *Gramsci e lo Stato. Per una teoria materialistica della filosofia* [1975], tr. it. di C. Mancina e G. Saponaro. Roma: Editori Riuniti, 1976. p. 212; GERRATANA, V. *Gramsci. Problemi di metodo*. Roma: Editori Riuniti, 1997. p. 76; Id., *Il concetto di egemonia nell'opera di Gramsci*. In: BARATTA, Giorgio; CATONE, Andrea. (a cura di). *Antonio Gramsci e il «progresso intellettuale di massa»*, Milano: Unicopli, 1995. p. 141-147.

²² Cf. ANDERSON, P. *Ambiguità di Gramsci* [ma il titolo originale è *The Antinomies of Antonio Gramsci*. London: New Left Books, 1977], tr. it. di I. Pedroni. Bari: Laterza, 1978. p. 27-34.

²³ Cf. MARTELLI, M. *Etica e storia. Croce a Gramsci a confronto*. Napoli: La Città del Sole, 2001. p. 134.

²⁴ Cf. MONTANARI, M. *Politica e storia. Saggi su Vico, Croce e Gramsci*. Bari: Publiere, 2007. p. 159, no qual contexta a ideia de que a gênese da teoria gramsciana da hegemonia se encontre no leninismo (e contexta como “operação ideológica e tendenciosa” falar de Gramsci como um “pequeno Lênin”, como o fez BEDESCHI, G. *Il piccolo Lenin. Antonio Gramsci e «L'Ordine Nuovo»*. *Nuova Storia Contemporanea*, n. 6, p. 39-52, 1998).

tal para o revolucionário bolchevique que insiste, contra o economicismo, na centralidade da teoria. Também sobre este ponto, o da *ideologia*, a coincidência parcial de Gramsci com Lênin não se dá em termos de mera influência deste último sobre o primeiro. A influência de Lênin se enxerta em pressupostos teóricos já equilibrados em Gramsci e que retornam, ainda, esquemas bastante idealistas, pragmáticos. Para Lênin “ideologia” expressa o sistema de idéias de uma determinada classe, e, como indicado num trecho de *O Que Fazer?*, não há alternativa entre a ideologia burguesa e a ideologia comunista²⁵. Da mesma forma para Gramsci, a ideologia torna-se um sistema de idéias de uma determinada parte social, cuja “verdade” se resolve inteiramente na sua função de eficácia. Veja, por exemplo, o artigo *República e Proletariado em França*, de abril de 1918:

Na história uma verdade não tem muito valor em si mesma, mas pelos efeitos que ela causa, e pelos homens ou grupos de homens que a propagam. Sua eficiência é condicionada pelo modo de produção de riqueza e na concretude de pensamento dos homens. Uma ideologia se afirma ou cai no esquecimento, mas proporcionalmente ao seu valor filosófico e humano, proporcionalmente à receptividade das condições históricas do momento em que a ideologia vem concebida e difundida. (GRAMSCI, 1958, 205-206).

Uma discussão sobre a verdade que se coloca em termos exclusivamente pragmáticos, um relativismo que se encontrará incorporado na teorização da filosofia da práxis.

A este respeito, deve-se ter em consideração uma diferença fundamental detectada entre Lênin e Gramsci: Gramsci considera

cada consciência como uma ideologia parcial, como “política” na qual a “veracidade histórica” está submetida ao juízo do partido. Assim, o nosso autor leva ao extremo o princípio revolucionário leninista, ou seja, o partido. Se em Lênin o partido era um elemento profissional de agitação revolucionária, em Gramsci não é apenas a “teoria revolucionária” que constitui a política militante, mas todo o conhecimento, incluindo a ciência [...]. Em Lênin, a realidade do mundo externo, a

²⁵ “Ou ideologia burguesa ou ideologia socialista”. Não há via intermediária (pois a humanidade não criou uma “terceira” ideologia e, além disso, em uma sociedade dilacerada pelos antagonismos de classe, não poderia nunca existir uma ideologia fora ou superior às classes). Isso, portanto, porque *cada* enfraquecimento da ideologia socialista, *cada* afastamento dessa, implica necessariamente no reforço da ideologia burguesa” (LENIN, V. I. *Che fare?* cit., p. 73-74).

objetividade do conhecimento científico fazia com que fosse para além do partido um princípio ao qual este deveria seguir. Gramsci, levado à luta contra todas as formas de metafísica, chegou a um historicismo absoluto, no qual o princípio é a política, consubstanciada em um órgão contingente, o partido. Assim, a metafísica exorcizada ressurgue como metafísica do contingente. (BUZZI, 1973, p. 344).

Aqui reencontramos a questão do materialismo de Lênin, por um lado, do pragmatismo de Gramsci, por outro. Trechos dos *Cadernos* indicam que o conteúdo da filosofia da práxis está relacionado à sua função de transição da sociedade liberal para a sociedade regulada. Assim, a filosofia da práxis é uma *ideologia*. No entanto, essa tende a se tornar filosofia, política, história em ato, universalidade concreta. Pragmaticamente essa se realiza²⁶.

Agora, como já dito, a pronta adesão gramsciana e o entusiasmo pela Revolução Russa são devidos ao fato de que Gramsci estava entre aqueles que acreditaram imediatamente na realidade do socialismo no Ocidente e na revolução bolchevique. Gramsci

orientou toda a sua experiência intelectual e prática para a escolha de participar daquela palingenese, e dirigir essa revolução. O que bem explica por que - após o fato - estava inteiramente imerso na busca incansável das razões para a derrota²⁷.

²⁶ “Se pode mesmo chegar a afirmar que, enquanto todo o sistema da filosofia da praxis pode se tornar ultrapassado em um mundo unificado, muitas concepções idealistas, ou ao menos alguns aspectos dessa, que são utópicas durante o reino da necessidade, poderiam se fazer “verdade” depois da passagem, etc. Não se pode falar de “Espírito” quando a sociedade é reagrupada, sem necessariamente concluir que se trata de espírito de corpo [...] mas se poderá falar quando chegar à unificação, etc.” (GRAMSCI, 1975, p. 1490). Veja-se a argumentação análoga em alguns aspectos do ensaio de Lukács *Il mutamento di funzione del materialismo storico*, em *Storia e coscienza di classe* (Obra que apresenta algumas analogias com a posição gramsciana, mas também outras importantes diferenças): “As verdades do conteúdo do materialismo histórico possuem a mesma origem da verdade da economia política clássica descrita por Marx: essas são verdades no interior de um determinado ordenamento social e da produção. Como tais, e apenas como tais, possui uma validade incondicional. Mas isto não exclui a aparência de sociedade na qual, por via das próprias estruturas sociais, valem outras categorias, outros nexos de verdade [...]. Nós devemos, antes de tudo, colocar o problema das premissas sociais da validade dos conteúdos do materialismo histórico, assim como Marx indagou suas premissas sociais e econômicas da validade da economia política clássica” (LUKÁCS, G. *Storia e coscienza di classe*, tr. it. di G. Piana. Milano: Sugar, [1923] 1967. p. 284).

²⁷ Cf. CANFORA, L. *Su Gramsci*. Roma: Danews, 2007. p. 9, 19-20. Disse assim Losurdo: “Se trata de um autor e de um dirigente político que viveram a tragédia da derrota do movimento operário e da vitória do fascismo e, por isso mesmo, foram constringidos a romper com as esperanças de rápida e definitiva palingenese revolucionária, para aprofundar, ao contrário, a análise do caráter complexo e contraditório e dos tempos longos do processo de transformação política e social [...]. Segundo Gramsci, a passagem do capitalismo à “sociedade regulada”, isto é, ao comunismo, durará provavelmente séculos” (GRAMSCI, 1975, p. 882).

É conhecido os elogios de Gramsci à Lênin nos *Cadernos* por ter compreendido, ao contrário de Trotsky, a necessidade da “guerra de posição” no Ocidente para realizar o comunismo e, porém, é importante notar que Gramsci imediatamente acrescenta que, no fundo, mesmo que Lenin não tivesse morrido, tal questão “poderia ser aprofundada apenas teoricamente, porquanto a tarefa fundamental era nacional” (GRAMSCI, 1975, p. 866). Então, como parece óbvio, Gramsci dissocia mais a sua posição daquela de Lênin, como também do modelo da revolução bolchevique para encontrar o caminho a seguir para o comunismo italiano - um longo caminho, de fato, secular, um resultado que não se vê, como o tinha sido desde a guerra e depois com o 1917, até 1920. Este é o significado da importância da dicotomia de guerra de posição/guerra de movimento nos *Cadernos*. Não que Lênin não seja mais utilizado, porém a pesquisa gramsciana agora é outra. Além disso, Gramsci desenvolve um padrão que era propriedade comum imediatamente após a Revolução Russa: a consciência da diferença entre a Rússia e o Ocidente em relação à dificuldade da revolução, as dificuldades para realizar a “ditadura do proletariado” e as dificuldades ainda maiores que seriam encontradas depois. Em *Esquerdismo: doença infantil do Comunismo*, texto de 1920 – portanto, na época do “comunismo de guerra” - destinado aos comunistas europeus, Lênin tentava transmitir a lição da revolução aos companheiros ocidentais, sem esquecer de enfatizar constantemente as diferenças que surgem a partir de um confronto entre a Rússia e o Ocidente. Isso não significa, no entanto, endossar uma linha de interpretação que faz de Gramsci um precursor da togliatiana “svolta di Salerno”. Aqui está uma das razões por que se sente a necessidade de clarificar alguns pontos historiográficos e políticos, de forma contínua. Além disso, recordava Guido Liguori em sua *incipt* de seu *Gramsci Conteso* argumentou que Gramsci foi o teatro onde se combateu parte decisiva da batalha pela hegemonia na Itália e na esquerda italiana, uma verdadeira e própria arma ideológica (LIGUORI, 1996, p. xii; 28 et seq.). É naturalmente claro que o julgamento sobre as operações de Togliatti é complexo, mas o primeiro a fazer do seu antigo companheiro de partido uma arma ideológica foi o próprio Togliatti, enquanto o pós Segunda Guerra Mundial conduzia uma crítica cerrada contra o crocianismo; de outra parte, Gramsci foi retomado para dar uma tradição histórica e intelectual a um partido de massas diverso em diferentes maneiras daquele dos anos

20 e 30. Não se pode esquecer que o lendário fundador não havia feito as experiências político-intelectuais dos anos 30, ou qualquer “svolta de Salerno”. E disse bem Liguori, não impulsionado por uma mágoa sobre Togliatti, que havia um

livro escrito por Togliatti sobre seu velho camarada durante um período de 37 anos. Sem este livro de Togliatti sobre Gramsci, escrito no papel, mas, mais ainda na prática, Gramsci, o Gramsci que o mundo inteiro hoje conhece, talvez nunca teria existido. (LIGUORI, 1996, p. 120).

No entanto, Gramsci na prisão toma um caminho diferente do de Lênin, uma estrada que, se não pode ser reduzida unicamente à “via nacional”, centra-se sobre essa, e leva a excluir a solução russa. É sobre esta nova estrada de Gramsci que insistiu Losurdo com a intenção de mostrar a novidade da teoria gramsciana da revolução em relação àquela de Marx e Lênin. Para Losurdo, até Gramsci condenar sua abordagem histórica mecanicista, sua posição seria a partir da lição de Lênin, mas, em seguida, Gramsci seria o primeiro a perceber que de revolução só se poderia falar a partir de um “reconhecimento profundo do caráter nacional” (QC, p. 866)²⁸. Losurdo revê em Marx, Engels, Lênin, Lukács²⁹, a tese ideológica do declínio da burguesia, sendo que esta seria capaz apenas de repressão, enquanto que a classe trabalhadora haveria então a iniciativa da prerrogativa social. Gramsci, ao contrário, distinguiria a “crise orgânica” - que começa em 1870-1871, ano a partir do qual, de acordo com a indicação de Lênin, começaria a era do imperialismo – daquela de “conjuntura”, das “flutuações econômicas” (1077-1078 QC, p. 1588 e 1716). Isto comportaria uma mudança de governo expansivo para um repressivo (QC, p. 821), das relações de “centralismo democrático” para formas de “centralismo burocrático” (QC, p. 1634). Mas próprio na era de “crise orgânica”, as formações capitalistas desenvolvem e reforçam o domínio e a direção de tipo hegemônico através dos aparelhos ideológicos do Estado (LOSURDO, 1997, p. 140-144).

Somado a este ponto, revisto várias vezes no discurso sobre Gramsci e Lênin, parece inevitável esclarecer a relação de Gramsci com o

²⁸ Cf. LOSURDO, D. *Antonio Gramsci dal liberalismo al «comunismo critico»*. Roma: Gamberetti, 1997. p. 140-144.

²⁹ Cf. LUKÁCS, G. *Marx e il problema della decadenza ideologica* (1938). In: Id., *Il marxismo e la critica letteraria*. Torino: Einaudi, 1964. Lukács rebate aqui o tema da burguesia post-quatrocentos como uma classe na qual ciência e cultura resultam cada vez mais em “decomposição” (ivi, p. 148-149).

pensamento de Marx. Tal confrontação dificilmente pode ser conduzida nos limites deste texto. Limitamo-nos então a reportar, na forma de documentos e em perspectiva problemática, as palavras do obreirista Tronti, com a qual iniciamos:

uma ideologia é sempre burguesa: porque é sempre um reflexo mistificado da luta de classes no terreno do capitalismo [...]. O marxismo foi concebido como “ideologia” do movimento operário. E aqui há um erro fundamental. Pois seu ponto de partida, a sua certidão de nascimento foi precisamente a destruição de toda ideologia, por meio da crítica destrutiva de todas as ideologias burguesas. Um processo de mistificação ideológica é, de fato, possível somente com base na sociedade burguesa moderna: foi e continua sendo o ponto de vista burguês sobre a sociedade burguesa [...] a classe trabalhadora não precisa de uma sua própria “ideologia”. Porque sua existência como classe, ou seja, a sua presença como uma realidade antagônica a todo o sistema capitalista, a sua organização em classe revolucionária, não a liga ao mecanismo desse desenvolvimento, tornando-a independente dele e contraposta a ele [...]. Marx não é a ideologia do movimento operário: é a sua teoria revolucionária. Teoria que nasceu como uma crítica às ideologias burguesas e que deve viver continuamente desta crítica - deve continuar a ser “a crítica implacável de tudo o que existe”. (TRONTI, [1966] 1971, p. 33-34).

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, P. *Ambiguità di Gramsci*. Bari: Laterza, 1978.
- BEDESCHI, G. *Il piccolo Lenin. Antonio Gramsci e «L'Ordine Nuovo»*. *Nuova Storia Contemporanea*, n. 6, p. 39-52, 1998.
- BOBBIO, N. *Saggi su Gramsci*. Milano: Feltrinelli, 1990.
- BUCI-GLUCKSMANN, C. *Gramsci e lo Stato. Per una teoria materialistica della filosofia* [1975]. Roma: Editori Riuniti, 1976.
- BUZZI, A. R. *La teoria politica di Gramsci*. Firenze: La Nuova Italia, 1973.
- CANFORA, L. *Su Gramsci*. Roma: Datanews, 2007.
- FIORI, G. *Vita di Antonio Gramsci*. Bari: Laterza, [1966]1989.
- FORTICHIARI, B. *Comunismo e revisionismo in Italia. Testimonianza di un militante rivoluzionario*. Milano: Mimesis, 2006.
- GERRATANA, V. *Gramsci. Problemi di método*. Roma: Editori Riuniti, 1997.

_____. Il concetto di egemonia nell'opera di Gramsci. In: BARATA, G.; CATONE, A. (Org.). *Antonio Gramsci e il «progresso intellettuale di massa»*. Milano: Unicopli, 1995.

GRAMSCI, A. *Domenica rossa. Avanti!*, Ed. Piemontese, 5 set. 1920.

_____. *L'Ordine Nuovo. 1919-1920*. Torino: Einaudi, 1954.

_____. *Scritti giovanili. 1914-1918*. Torino: Einaudi, 1958.

_____. *Quaderni del cárcere*. Edição Critica de V. Gerratana. Torino: Einaudi, 1975.

_____. Per un rinnovamento del partito socialista. In: SPRIANO, P. (Org.). GRAMSCI, A. *Scritti politici*. Roma: Editori Riuniti, [1967] 1987a.

_____. P. Togliatti, *Democrazia operaia*. In: SPRIANO, P. (Org.). GRAMSCI, A. *Scritti politici*. Roma: Editori Riuniti, [1967] 1987b.

GRUPPI, L. Introduzione. In: LENIN, V. I. *Che fare?*. Roma: Editori Riuniti, 1968.

_____. *Il concetto di egemonia in Gramsci*. Roma: Editori Riuniti, 1972.

HOBSBAWN, E. J. Notas sobre Gramsci. In: HOBSBAWN, E. J. *I rivoluzionari*. Torino: Einaudi, 1975.

IZZO, F. Marx dagli scritti giovanili ai «Quaderni». In: DI BELLO, A. (Org.). *Marx e Gramsci. Filologia, filosofia e politica allo specchio. Atti del convegno internazionale organizzato dal Dipartimento di Filosofia e Politica dell'Università degli Studi di Napoli «L'Orientale» con il patrocinio dell'Istituto Fondazione Gramsci di Roma e dell'Associazione Italiana degli Storici delle Dottrine Politiche. Napoli, 4-5 dicembre 2008*. Napoli: Liguori, 2011.

LENIN, V. I. *Stato e rivoluzione. La dottrina marxista dello Stato e i compiti del proletariato nella rivoluzione*. Roma: Editori Riuniti, 1967a.

_____. *Opere complete*, Roma, Editori Riuniti, 1967b.

_____. Discorso sulla questione italiana, no III Congresso da IC, 28 junho de 1921. In: LENIN, V. I. *Sul movimento operaio italiano* [1962]. Roma: Editori Riuniti, 1976.

_____. *Che fare?*. Roma: Editori Riuniti, 1968.

LIGUORI, G. *Gramsci conteso. Storia di un dibattito 1922-1996*. Roma: Editori Riuniti, 1996.

LOSURDO, D. *Antonio Gramsci dal liberalismo al «comunismo critico»*. Roma: Gamberetti, 1997.

- LUKÁCS, G. *Il marxismo e la critica letteraria*. Torino: Einaudi, 1964.
- _____. *Storia e coscienza di classe*. Milano: Sugar, 1967.
- MARRAMAO, G. *Marxismo e revisionismo in Italia. Dalla «Critica Sociale» al dibattito sul leninismo*. Bari: De Donato, 1971.
- MARTELLI, M. *Etica e storia. Croce a Gramsci a confronto*. Napoli: La Città del Sole, 2001.
- MONTANARI, M. *Politica e storia. Saggi su Vico, Croce e Gramsci*. Bari: Publierre, 2007.
- SALVADORI, M. L. *Gramsci e il problema storico della democrazia*. Torino: Einaudi, 1973.
- _____. Gramsci e il PCI: due concezioni dell'egemonia. In: *Egemonia e democrazia. Gramsci e la questione comunista nel dibattito di Mondoperaio*, Nuova serie dei quaderni di «Mondoperaio» 7, 1977.
- SPRIANO, P. *L'occupazione delle fabbriche. Settembre 1920*. Torino: Einaudi, 1964.
- _____. *L'«Ordine Nuovo» e i consigli di fabbrica*. Torino: Einaudi, 1971.
- _____. *Introduzione a V.I. Lenin, Sul movimento operaio italiano [1962]*. Roma: Editori Riuniti, 1976.
- TAMBURRANO, G. *Antonio Gramsci. La vita, il pensiero, l'azione*. Manduria: Lacaita, 1963.
- TOGLIATTI, P. *Il leninismo nel pensiero e nell'azione di A. Gramsci, Studi Gramsciani*. Roma: Editori Riuniti, 1958.
- TRONTI, M. *Operai e capitale*. Torino: Einaudi, [1966]1971.